

ACERVO MUSEU AMBIENTAL HENRIQUE LUIZ ROESSLER

2º ENCONTRO COMUNITÁRIO PELA PROTEÇÃO DO MEIO AMBIENTE

1- 2º encontro Comunitário Pela Proteção do Meio Ambiente	2
2 - Convite 2º encontro Comunitário Pela Proteção do Meio Ambiente	3
3 - Programação 2º encontro Comunitário Pela Proteção do Meio Ambiente	4
4 - Introdução ao Pensamento Ecológico - Magda Renner.....	5
5 - Introdução ao Pensamento Ecológico - Magda Renner pg 2.....	6
6 - Por uma Ética Ecológica - José Lutzenberger pg 1	7
7 - Por uma Ética Ecológica - José Lutzenberger pg 2	8
8 - Por uma Ética Ecológica - José Lutzenberger pg 3	9
9 - Por uma Ética Ecológica - José Lutzenberger pg 4	10
10 - Consequências socioeconômicas da explosão Demográfica - Giselda Castro - pg 1	11
11 - Consequências socioeconômicas da explosão Demográfica - Giselda Castro - pg 2	12
12 - Consequências socioeconômicas da explosão Demográfica - Giselda Castro - pg 3	13
13 - Consequências socioeconômicas da explosão Demográfica - Giselda Castro - pg 4	14
14 - Circulo Vicioso Da Miséria - Magdolna Vozari Hampe pg 1.....	15
15 - Circulo Vicioso Da Miséria - Magdolna Vozari Hampe pg 2.....	16
16 - Circulo Vicioso Da Miséria - Magdolna Vozari Hampe pg 3.....	17
17 - Menor Carente e o Planejamento Familiar - Thomaz J. Lomande pg 1	18
18 - - Menor Carente e o Planejamento Familiar - Thomaz J. Lomande pg 2.....	19
19 - - Menor Carente e o Planejamento Familiar - Thomaz J. Lomande pg 3.....	20
20 - - Menor Carente e o Planejamento Familiar - Thomaz J. Lomande pg 4.....	21
21 - - Menor Carente e o Planejamento Familiar - Thomaz J. Lomande pg 5.....	22
22 - Campanha Do "LIXO LIMPO" - Yara Rodrigues.....	23
23 - A Ecologia na Escola - Kurt Schmeling pg. 1.....	24
24 - A Ecologia na Escola - Kurt Schmeling pg. 2.....	25
25 - A Ecologia na Escola - Kurt Schmeling pg. 3.....	26
26 - A Ecologia na Escola - Kurt Schmeling pg. 4.....	27
27 - cartaz do 1º Encontro Comunitário Pela Proteção do Meio Ambiente	32
28 - Convite para o 2º Encontro Comunitário Pela Proteção do Meio Ambiente	33



FUNDAÇÃO EVANGÉLICA — NOVO HAMBURGO
90 ANOS A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO

2^o ENCONTRO COMUNITÁRIO PELA PROTEÇÃO DO MEIO AMBIENTE

sob os auspícios da Ação Democrática Feminina Gaúcha

10 e 11 de setembro de 1976

COLABORAÇÃO DE:

Novo Hamburgo Cia. de Seguros Gerais
Reichert S/A - Calçados
Oscar Kunz S/A



FUNDAÇÃO EVANGÉLICA — NOVO HAMBURGO

90 ANOS A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO

2^o

ENCONTRO COMUNITÁRIO PELA PROTEÇÃO DO MEIO AMBIENTE

sob os auspícios da Ação Democrática Feminina Gaúcha

- Com a participação do Prof. José Lutzenberger -

Sexta-feira, dia 10: 20 h.

Sábado, dia 11: 9 h.

Sábado, dia 11: 14 h.

Preço: Cr\$ 20,00 (Professores e Estudantes: Cr\$ 10,00)

Local: Auditório da Fundação Evangélica

com direito a polígrafos

Inscrições: Fundação Evangélica

Rua Frederico Mentz, 526

Caixa Postal 2.123

Fone: 95-1952

Será fornecido Certificado de Frequência

Colaboração de Reichert S. A. Calçados
Novo Hamburgo Cia. de Seguros Gerais
Oscar Kunz S. A. - Indústria e Comércio

2 - Convite 2º encontro Comunitário Pela Proteção do Meio Ambiente

20

ENCONTRO COMUNITÁRIO PELA PROTEÇÃO DO MEIO AMBIENTE

promovido pela Fundação Evangélica
sob os auspícios da Ação Democrática Feminina Gaúcha

"A Ética consiste, pois, em eu sentir a obrigação de encarar todo e qualquer desejo de viver com o mesmo respeito que tenho a meu próprio desejo de viver.

Com isso obtemos o princípio básico e infalível da Moral.

○ bem é: conservar e fomentar a vida;

○ mal: destruí-la e estorvá-la."

Albert Schweitzer (1875 - 1965)

PROGRAMA:

Dia 10 - às 20 h: Abertura

"ASPECTOS ÉTICOS DA ECOLOGIA" (José Lutzenberger, presidente da AGAPAN)

Dia 11 - às 9 h:

"CONSEQUÊNCIAS SOCIO-ECONÔMICAS DO DESEQUILÍBRIO DEMOGRÁFICO" (Giselda Castro, diretora do Grupo de Estudos ADFG)

"PLANEJAMENTO FAMILIAR" (Magdolna Hampe, professora de Bio-Química da UFRGS, presidente do Clube Soroptimista de Porto Alegre)

"O MENOR CARENCIADO E A EDUCAÇÃO FAMILIAR" (Dr. José Thomaz Lomando, ex-coordenador da Assistência Médica do INPS, ex-secretário Municipal da Saúde, cirurgião ginecologista)

- às 14 hs.

"PROJETO ARBOR" (Prof. João Carlos Schmitz, Secretário Municipal de Educação e Cultura, Novo Hamburgo)

"CAMPANHA DO LIXO LIMPO" (Yara Rodrigues, Clube de Mães Vila Assunção)

"A ECOLOGIA NA ESCOLA" (K. G. Schmeling, prof. da Fundação Evangélica)

"O CULTIVO DE ESSENCIAS NATIVAS" (Eberhard Frank, diretor do Colégio Estadual Marechal Rondon, Canoas)

"FALAMOS DEMAIS EM POLUIÇÃO: VAMOS TODOS AGIR" (Gerd Schinke, secretário do Departamento de Proteção ao Ambiente Natural do Diretório Estadual de Estudantes)

- às 17 h:

Apresentação de moções

Encerramento

Data: 10 e 11 de setembro de 1976

Local: Fundação Evangélica

Rua Frederico Mentz, 526 - Novo Hamburgo

Informações e inscrições:

- Fundação Evangélica - Telefone 95-1952, Caixa Postal 2.123, Novo Hamburgo

Taxa de inscrição: Cr\$ 20,00

Professores e estudantes - Cr\$ 10,00

com direito a polígrafos

Certificados - serão fornecidos aos participantes inscritos com frequência mínima de 2/3.

Colaboração de Reichert S. A. Calçados
Novo Hamburgo Cia. de Seguros Gerais
Oscar Kunz S. A. - Indústria e Comércio

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO ECOLÓGICO

Magda Renner
ADFG

Quem fala em pensamento ecológico ou amor à natureza neste nosso Rio Grande do Sul, não pode deixar de colocar no princípio de todas as suas considerações, o primeiro atnegado batalhador nesse campo: Henrique Luiz Roessler, natural de São Leopoldo, fundador da União Protetora da Natureza (1955).

Em seus inúmeros artigos tratou dos problemas que hoje, 20 anos depois, ainda continuam sem soluções adequadas e que se tornaram tanto mais graves quanto maior a população e o número de indústrias.

São os desmatamentos, as queimadas, a poluição das águas, a caça e a pesca indiscriminadas, a falta de fiscalização e a inoperância de órgãos responsáveis, o não cumprimento das leis, a mentalidade imediatista. Artigos como: "Florestas a mercê de Piratas" (19/5/61), "O Pecado contra a Água" (17/3/61), "Cada Gota é Valiosa" (1/7/60), "Fogo posto na Natureza" (14/6/62), "Porque Facilitar o Extermínio da Fauna?" (25/5/62), "Corrigir a Natureza é Temeridade" (22/5/61), "Ganância e Imprevidência" (8/11/63), "25 Anos Malhando em Ferro Frio" (esclarecimentos prestados no Legislativo de São Leopoldo), "Loucura Devastadora" (5/8/60), "A Idiotice da Exportação das Macieiras Gaúchas" (5/10/62), nada perderam de sua atualidade, ganharam em veemência. Roessler critica a margamente a exportação do pinho, da qual se orgulha o então Instituto Nacional do Pinho que "estranja no exterior o que já faz falta ao brasileiro, tanto pelo preço inacessível como pelo empotrecimento da terra, pela devastação com seus rosários de conspiciências nefastas - erosão, diminuição das águas, piora do clima-" (O Impossível Acontece, 30/11/62).

Nessa imensa série de advertências, clamores, denúncias e sugestões práticas exigíveis a curto ou médio prazo, encontramos ainda pensamentos profundos que apontam a raiz de todos os males: a mentalidade antropocêntrica, unilateral, materialista e imediatista.

Roessler lança um grito de "Ocorro aos Amigos da Natureza" (22/12/63), proclamando que "o amor pela flora e fauna são as últimas QUALIDADES MORAIS adquiridas pela educação"; conclama a necessidade da "modificação da mentalidade" (29/7/60), pois "a proteção à Natureza ficará sendo uma das REALIZAÇÕES DA HUMANIDADE, assim como foi a abolição da escravatura" - adverte religiosos e educadores para seu dever fundamental de incutir no espírito de jovens e adultos que a "natureza e seus seres indefesos são OBRA DE UM SÁBIO E ONIPOTENTE CRIADOR ... profanar e destruir essa OBRA DIVINA É PECADO CONTRA DEUS". (Religião e Natureza, 1/8/58).

Meus Senhores! Doze anos após o falecimento desse grande homem, o que poderíamos acrescentar a seus pensamentos?

Evoluímos em ritmo acelerado na direção errada. O panorama mundial nos apresenta um quadro assustador: quando a seca atinge grau de calamidade pública na Europa e na URSS, inundações violentas assolam o México, Chile, Venezuela. Na Itália uma nuvem venenosa mata um sem número de animais e afeta centenas de pessoas; no Brasil, a doença de Minamata passa a chamar-se "Doença dos Alagados" e, como se isso não bastasse, a mesma população da Baía dos Tainheiros, ameaçada pelo mercúrio das águas, ainda é intoxicada pelo cloro no ar; na Índia o excesso de nascimentos força o governo ao controle rígido da natalidade e leva a uma "Operação Limpeza" que arrebanha os mendigos para a esterilização forçada; no Brasil, a legião de menores abandonados estigmatiza o subdesenvolvimento e ameaça a segurança pública. Nos Estados Unidos e no Japão honra-se a memória das vítimas de Hiroshima e de Nagasaki, mas a corrida armamentista nuclear se propaga a despeito do pânico e dos clamores do povo e das autoridades japonesas. Enquanto prosseguem desmatamentos e queimadas destruindo a fertilidade do solo, um terço da população humana vive subnutrida e a fome mata sem piedade; a escassez do petróleo abala a economia e põe em risco a paz mundial; o lixo atômico constitui ameaça à vida durante séculos e inúmeras substâncias deterioram ar, água e terra, contaminando desde a planta até o homem.

É esse o mundo de nossos filhos. Os fatos são incontestáveis.

Não temos mais tempo a perder: a salvação do homem e a preservação da natureza. Dela somos parte integrante. Dentro de um ecossistema ocupamos o lugar do macro-coney

Introdução ao Pensamento Ecológico - - - - - 2 - - - - -

midor, cuja existência depende da existência e do perfeito funcionamento de todos os seus elementos e organismos componentes; estamos sujeitos às mesmas leis biológicas que regem a totalidade da vida em nosso planeta.

O pensamento ecológico não pode partir do HOMEM como DOPO DA NATUREZA, mas sim do seu SÓCIO E ALIADO.

É imperioso reconhecermos HOJE e AGORA a realidade de nossa Ecosfera: A FURTITUDE DO PLANETA COM TODOS OS SEUS RECURSOS - A INUTILIDADE DAS LEIS NATURAIS PLANETAS DE UMA FORÇA SUPERIOR QUE TRANSCENDE NOSSA ESFERA RACIONAL - AS LIMITAÇÕES INHERENTES À CONDIÇÃO HUMANA.

Diz um sábio provérbio chinês: "Qualquer moleque pode matar um escaravelho, mas todos os cientistas do mundo reunidos, não podem criar outro."

Somos todos passageiros de uma pequena nave espacial e cabe a cada um parcela de responsabilidade pela sua manutenção. O homem esclarecido que hoje se omite, e com as informações sobre nossa realidade existem em todos os níveis. Cientistas, pesquisadores, técnicos e pensadores não se cansam de apontar erros, indicar soluções práticas e principalmente preparar novas normas de conduta.

Oxalá sejam ouvidos pelos poderosos e responsáveis.

O desenvolvimento de uma nação não pode ser medido pelo seu Produto Nacional Bruto, mas pela qualidade de vida do povo.

"De que adianta nosair inúmeras fábricas, se suas chaminés despejam dia e noite em cima de nos suas substâncias tóxicas e, embora ricos, tenhamos de usar máscaras antepoluidoras?"

A Construção da fábrica em Minsmata foi festejada como símbolo do progresso. Hoje seus empresários respondem a processo por homicídio.

Progresso e desenvolvimento são qualitativos e não quantitativos; a indústria e a tecnologia são um meio e não um fim em si; a máquina foi criada para auxiliar o homem e não para escravizá-lo; A NATUREZA É FONTE SAGRADA DE VIDA E BELEZA, e não apenas objeto a ser explorado e consumido pelo homem.

São esses os fundamentos do pensamento ecológico. Urge reformularmos nossa hierarquia de valores.

A mudança de mentalidade não é obra de um dia. Exige conhecimentos, coragem, perseverança, esforços conjuntos e sacrifícios. Mas vale a pena encetar a luta.

Somos, nesse planeta, os únicos seres dotados de uma inteligência capaz de discernir, julgar e optar segundo valores espirituais que nos são inerentes. É chegada a hora da angústia - ouçamos a voz de nossa consciência-. Amanhã será tarde demais.

BIBLIOGRAFIA

- Artigos Henrique Luiz Roessler (1958-1963)
Revistas: Veja, Veritas - FUC/RS, Time, Weltbund zum Schutze des Lebens, A-5010 Salzburg, Postfach 252 (Áustria)
Programa Globo Repórter de 3/8/76
Manifesto Ecológico (José Lutzenberger)
Ecologia (Odum)
Antes que a Natureza Morra (Jean Dorst)
Primavera Silenciosa (Raquel Carson)
Os Limites do Crescimento (Clube de Roma)
O Desafio do Futuro (Dennis Gabor)
O Preço do Futuro (G.R. Urban, Michael Glenn)
Ecology - a strategy for survival - (Anne Christolm)
The Waste-Makers (Vance Packard)
The Packaged Society (Russel Lines)
Alternative Technology and the Politics of Technical Change (David Dickson, Menschheit am Wendepunkt) Club of Rome
Selbstbegrenzung - eine politische Kritik der Technik (Ivan Illich)
Folgen der Zivilisation - Therapie oder Untergang (Prof. Dr. Hans Schaefer)
Homo Consumens - der Fall des Ueberflusses (Wolfgang Schmidtauer)
Ein Planet wird geplündert - die Scherckensbilanz unserer Politik (Herbert Gruhl)

POR UMA ÉTICA ECOLÓGICA

José A. Lutzenberger

Ultimamente a espécie humana tem andado muito empolgada com a assim chamada "conquista do espaço". Muita gente chega a crer, inclusive, que o espaço vai resolver nossos problemas terrestres, o problema da explosão demográfica, por exemplo.

Ainda há os que pensam que estamos prestes a descobrir novos espaços vitais, em outros planetas; novos espaços vitais que então poderemos tratar com o mesmo desrespeito, descuido e total irresponsabilidade com que temos tratado este nosso belo planeta azul.

Basta, porém, tomar em conta as verdadeiras dimensões do universo para saber que não é assim. Não temos esta chance. A solução de nossos problemas temos que encontrá-la aqui. São os próprios peritos da conquista espacial que nos estão dizendo isto: MERNER VON BRAUN, Chefe da NASA, em uma entrevista recente concedida à revista alemã DER SPIEGEL (1971, nº 7), ao ser perguntado se a recente viagem à lua tinha contribuído a despertar uma certa consciência cósmica, respondeu:

"Estou firmemente convencido que foi criada uma consciência cósmica. Pelo que nos na América se deu o caso que as fotos que os astronautas trouxeram da lua causaram uma tremenda impressão nos ecólogos daqui. Por que? Elas mostram pela primeira vez um quadro de nossa minúscula terra, com suas limitadas fontes de matéria-prima, sua tênue capa atmosférica e a sua vulnerabilidade a alusos. O homem pode ver aí a nave espacial terra com sua tripulação de três e meio milhões de astronautas e um sistema de suporte de vida muito fácil de envenenar. Tudo aquilo que os ecólogos vinham pregando há anos ficou subitamente bem aparente."

Efetivamente, somos todos astronautas. Habitamos uma pequena nave espacial, perdida na imensidão do espaço vazio, hostil à vida. Se uma jóia tem valor pela sua raridade, então este planeta tem um valor incalculável. Porque, como ele, sabemos que no nosso sistema solar não há outro. Se houver algo parecido no Universo, só a distâncias siderais, totalmente fora de nosso alcance.

Foi necessário que vissemos de bem longe a nossa terra para que nos dessemos conta de sua fragilidade e vulnerabilidade.

Quer dizer que deveríamos ter com nosso astro o mesmo cuidado, o mesmo carinho que tem o astronauta com sua limitada cápsula. Nossos recursos não são ilimitados. Não temos o direito à pilhagem e à rapina, a destruição irreversível. Em nossas considerações econômicas, técnicas e políticas deveríamos tratar de como chegar a sistemas de equilíbrio dinâmico, não de crescimento ilimitado, de consumo e estagnamento sempre maior de nossos recursos. Só deveríamos gastar aquilo que pode ser repostado. Uma serra que tem à sua disposição uma área limitada de bosque não pode crescer eternamente, só poderá cortar cada ano uma quantidade de madeira correspondente ao crescimento anual naquela área, senão ela se acabará por falta de bosque.

Temos que aprender a viver dos juros de nosso capital, não podemos comer o capital. Se roermos a substância acabaremos com o nosso próprio futuro e tornaremos impossível a vida de nossos descendentes.

No entanto, basta abrir os olhos para ver que não estamos agindo como seria lógico para uma espécie, que gosta de chamar-se a si mesma de Homo sapiens. Nosso atual modo de proceder está demonstrando tudo, menos sabedoria. Estamos agindo hoje como se fôssemos a última geração, como se com nossa morte individual acabasse tudo.

A destruição do ambiente natural pelo homem, hoje, já não se limita, como antes, a certas áreas localizadas e limitadas, é global, total.

Está em toda a parte, tem uma infinidade de aspectos. Cresce de maneira vertiginosa, em forma de curva exponencial, mas com taxa de crescimento também exponenciada. Se no ano passado o estrago foi de, talvez, 10% mais que no ano anterior, pois este ano será de pelo menos 15 ou 20 por cento mais do que no ano passado. Estaperfeitamente claro que esta situação não pode continuar indefinidamente. Nem no livro de matemática a curva exponencial pode ser levada até o infinito.

A vida na terra, a incrível, a grandiosa sinfonia da evolução orgânica, este processo lento, paciente e implacável que nos deu origem, já dura uns três bilhões de anos. Três mil milhões de anos.

Assim mesmo, durante todo este espaço de tempo inimaginavelmente longo nunca houve um cataclisma biológico como o que estamos vivendo. Até mesmo a desapareição dos

grandes saúrios no fim do Cretáceo, há uns sessenta milhões de anos, deve ter sido um processo mais ou menos lento e orgânico, pois deu possibilidade aos sucessores dos répteis, aos mamíferos, de conquistarem os mesmos nichos ecológicos e a criarem novos nichos. O mundo saiu daquela crise enriquecido.

Mas o que estamos vendo hoje é a devastação total, inclusive dos nichos ecológicos e de habitats inteiros.

Neste momento estão caíndo as últimas selvas do globo, estão sendo adulterados os últimos rincões de natureza ainda mais ou menos intacta. Nem o fundo do mar escapa. O pior dos terremotos não sabe causar os estragos que pode fazer o bulldozer, o destravamento sem plano, a poluição. Estamos extinguindo comunidades ecológicas completas, comunidades onde cada espécie é única. Estragos, portanto, irreparáveis. Cada vez que apagamos uma espécie são milhões de anos de evolução irremediavelmente perdidos. Com cada espécie perdida para sempre, o mundo acaba mais pobre e nós humanos, mais sós.

As causas deste nosso desprezo pelo ambiente natural, temos de procurá-las em vários fatores:

Principalmente em nossa ignorância quanto à complexidade e vulnerabilidade dos sistemas naturais. Nossa vida urbanizada, dominada por uma tecnologia artificial, nos está alienando quase por completo do mundo natural. Nos imaginamos que poderemos viver totalmente isolados da natureza, que sobreviveremos num mundo só de humanos e máquinas, com meia dúzia, talvez, de animais e plantas domésticas.

Temos uma fé inabalável no que costumamos chamar de "progresso".

Uma fé em que progresso significa crescimento eterno. Esperamos que tudo se torne sempre maior, mais abundante, mais rápido, mais eficiente, mais diferente. Queremos sempre o máximo, e assim perdemos de vista o ótimo. Quantidade vale mais que qualidade. O homem tecnológico está tão convencido de sua força, que já não vê suas fraquezas.

Dai também nossa quase total falta de amor e consideração pelos demais seres vivos, nossos companheiros de viagem nesta nave. A ética ocidental, a que hoje domina o mundo, independentemente de ideologias políticas e religiosas, e exclusivamente antropocêntrica, não reserva nenhum lugar para as demais criaturas. A sociedade industrial encara todo seu ambiente natural, encara todos os seres não humanos como simples instrumentos dos quais o homem pode servir-se a seu bel-prazer. Eles não estão incluídos em nossa moral. Por isso desrespeitamos e agredimos nosso ambiente de maneira tão inescrupulosa e violenta, a ponto de estarmos hoje pondo em perigo a própria continuação da vida neste astro. ALBERT SCHWEITZER, com sua grande reverência pela vida, caracterizou muito bem esta atitude quando disse:

"Assim como a dona-de-casa, que acata de limpar o quarto, toma todo o cuidado em fechar a porta, para que o cachorro não venha com o rastro de suas patas estragar a bela obra, assim os pensadores europeus tomam todas as precauções possíveis para que não venha a passear algum animal dentro de sua ética".

Se os demais seres vivos não têm lugar em nossa ética, então não tem importância que acabemos com eles todos. Nós somos os donos da criação.

Também gostamos de imaginar que as obras do homem tem valor, as da natureza não valem nada. Quem danifica uma velha ruína ou uma obra de arte comete um sacrilégio. Mas quando, para um lucro momentâneo, ou porque simplesmente não gostamos da coisa por não sabermos apreciá-la, depredamos uma joia natural, que a natureza levou talvez milhões de anos para criar, será que isto não é um crime muito maior?

Bunco ocorreria a um engenheiro que concebeu uma máquina complicada, entregá-la simplesmente ao primeiro que estivesse disposto a divertir-se com ela. Pois é claro que acabaria destruindo o complexo mecanismo com ferramentas inadequadas e manejos grosseiros. Ninguém jamais entregaria um computador última geração a um engraxate que nunca ouviu falar em computadores. A máquina seria valiosa demais para tanto.

Mas é exatamente isto que estamos fazendo com nosso ambiente natural. As decisões sobre se tal ou qual floresta deverá desaparecer, se este ou aquele banhado será drenado ou aterrado, se naquele rio vamos construir uma grande barragem, se vamos largar dezenas de milhares de toneladas diárias de lixo químico no mar, esgoto e mercúrio em nossos rios e lagos, empregar tal ou qual inseticida sobre uma vasta região, e uma infinidade de outras agressões ao nosso ambiente, estas decisões, decisões sumamente sérias, decisões que deveriam basear-se em profundos conhecimentos dos fatores ecológicos, decisões que deveriam ser tomadas com a mesma propriedade que se toma a

continuação da vida neste astro, estas decisões, normalmente, as deixamos em mãos de quem nunca ouviu falar de ecologia, de quem não tem noção da complexidade dos problemas ambientais.

Fossa engenharia costuma procurar adaptar o ambiente à tecnologia, em vez de adequar a tecnologia ao ambiente. Com o bulldozer insultamos a paisagem para que ela se ajuste a nossa arquitetura, em vez de enquadrar harmonicamente nossa arquitetura dentro da paisagem.

Responsável desta atitude é também nossa capacidade de abstração, a atitude do especialista, que isola seu problema e se concentra completamente em um só aspecto de uma questão. Esta atitude tem sido a base do progresso da ciência e da técnica, mas ela produz efeitos catastróficos quando aplicada ao ambiente. A biosfera é um complexo sistema de equilíbrios dentro de equilíbrios, que por sua vez fazem parte de equilíbrios ainda maiores. Para compreender nosso ambiente temos que encarar o todo, temos que ver a dinâmica destes sistemas naturais, temos que aprender a ver o homem como parte deste grande complexo.

Enquanto cada um só enxergar seu problema imediato, então, para obter nossos fins limitados, acabamos por causar danos ilimitados.

O especialista que introduziu o chumbo na gasolina entendia muito de motores e explosão, mas sua responsabilidade terminava no cano de escape. O técnico em saúde pública que de avião aplica um poderoso inseticida sobre todo um banhado, só está vendo aquele mosquito que ele quer eliminar, mas é totalmente cego quanto às milhares de outras espécies, muitas das quais diretamente úteis ao homem. Se a polícia agisse desta maneira, então, para liquidar meia dúzia de bandidos, teria que tratar toda uma cidade com gases venenosos. O método seria muito eficiente contra os bandidos.

Uma vez, como técnicos em produtos fitossanitários, visitei um agricultor, grande produtor de maçãs. Entre os mais de trinta tratamentos químicos aos que submetia seus pomares em cada temporada estava também usando um produto extremamente perigoso, proibido já na maioria dos países. Atravi-me a sugerir que o substituísse por outro menos perigoso, se bem que algo mais caro. Me olhou muito surpreso: "Mas o que é que o senhor quer? Eu nunca como uma de minhas maçãs." Talvez ele nunca coma uma de suas maçãs, mas pode estar seguro que está comendo as porcas de todos os demais.

O fator de mais peso na atual crise ecológica é a explosão demográfica. O homem sempre "sujava o prato do qual comia". Mas enquanto a espécie não era muito numerosa e se mantinha em equilíbrio com seu ambiente, como todas as demais, enquanto ainda não tínhamos transformado em praga de gafanhotos, isto não tinha muita importância. Os estragos não ultrapassavam a capacidade de recuperação da natureza.

Mas quando uma situação aumenta quantitativamente, de modo a ultrapassar várias ordens de magnitude, então acaba surgindo uma situação que é também qualitativamente nova. É o que sucedeu com a espécie humana. No nosso caso, o impacto é ainda exacerbado pela concomitante explosão tecnológica. Não somente somos infinitamente mais numerosos que o homem primitivo, mas cada um de nós, quanto a impacto sobre a biosfera, vale por centenas, talvez milhares de homens da idade da pedra.

Se quisermos sair desta crise que a humanidade trouxe sobre si mesma, e se não sairmos não teremos futuro, vamos necessitar de uma moral mais ampla, mais completa, de uma ética ecológica. Temos que aprender a ver o todo. Temos que nos livrar deste velho preconceito ocidental, da ideia que o homem é o centro do universo, de que toda a criação aqui está para nos servir, de que temos o direito de usá-la indiscriminadamente, sem sentido algum de responsabilidade. Temos que nos libertar da ideia de que os outros seres só têm sentido, em função de sua utilidade imediata para o homem. Como queria SCHWEITZER, nossa ética terá que incluir toda a criação.

Precisamos de uma nova revolução copernicana que ponha o homem em seu justo lugar, que o faça descer de seu falso pedestal.

Se a natureza nos deu uma inteligência que nos possibilita este tremendo poder que agora temos sobre tudo o que vive, sobre a totalidade de nosso ambiente, este poder, o poder de tomar em nossas mãos a continuação da evolução ou de acabar com ela, este poder, então, significa também uma tremenda responsabilidade.

Não estamos fora, por cima e contra a natureza, estamos bem dentro. Somos um pedaço dela.

E, para terminar, quero trazer mais uma citação. Trata-se de palavras de GENE

O conhecimento, muito embora venha a ser cada vez mais profundo e mais vasto, somente nos pode conduzir na estrada do mistério de que tudo quanto existe é desejo de viver. O progresso da ciência consiste apenas em descrever mais e mais minuciosamente os fenômenos pelos quais se manifesta a vida multiforme, em capacitar-nos para descobrirmos vida onde antes supúnhamos que ela não pudes-se existir, e em permitir-nos, desta ou daquela forma, o aproveitamento do curso do desejo de viver que reconhecemos na Natureza.

A Ética consiste, pois, em eu sentir a obrigação de encarar todo e qualquer desejo de viver com o mesmo respeito que tenho a meu próprio desejo de viver. Com isso obtemos o princípio básico e infalível da Moral. O bem é: conservar e fomentar a vida; o mal: destruí-la e estorvá-la.

Ética racional. E no entanto há de vir uma época em que nos passemos diante do fato de ter a Humanidade necessitado de tanto tempo para perceber que a destruição impensada de vidas é incompatível com a Ética.

A Ética é a responsabilidade infinitamente ampliada, por tudo quanto vive.

CONSEQUÊNCIAS SÓCIO-ECONÓMICAS DA EXPLOÇÃO DEMOGRÁFICA

Giselda E. Castro
Acção Democrática Feminina Gaúcha

A Ecologia é normalmente considerada como o estudo da interacção das espécies vivas com o Meio Ambiente. A palavra foi criada em 1869 pelo biólogo alemão Ernst Haeckel mas de há muito já tinha o homem a percepção bastante clara dos mecanismos implícitos na relação de harmonia entre as coisas e os seres. É quase milénar, na Europa, legislação farta e detalhada sobre o assunto, numa tentativa de proteger os recursos naturais dos resultados danosos de uma exploração desordenada.

No entanto foi só na última década que se passou a ter consciência da necessidade de serem respeitados os princípios ecológicos que regulam todas as comunidades biológicas. Na ânsia de dominar a Natureza desprezou o homem estes princípios pondo em risco a própria sobrevivência.

Um dos mais trágicos paradoxos que caracterizam nossa era foi na busca da felicidade que obtivemos a Poluição. Seja qual for o sentido em que a consideremos, seu resultado é sempre o mesmo - desequilíbrio ambiental.

Perdemos a harmonia da Criação. Em vez de ar puro, respiramos gases mortíferos; bebemos um composto de substâncias químicas por absoluta falta de cristalinidade; águas puras e temos nossos horizontes limitados por muralhas de pedra.

Sendo a poluição a consequência directa da acção perniciososa do homem contra o seu meio é irretorquível a afirmação de que quanto mais formos, tanto mais poluiremos.

A explosão demográfica tomara insolúveis todos os outros problemas que provocam a deterioração da qualidade da vida. Todas as espécies multiplicam-se até os limites de seu "espaço vital"; ultrapassados estes últimos, a espécie extingue-se-a. Parte integrante da Natureza, não pode o homem fugir a esta lei.

Em 1948, Julian Huxley, Director Geral das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, declarou ser a guerra uma ameaça menos grave e menos inevitável que o aumento populacional, que ele estimava em 3 bilhões para o próximo século. Já somos hoje 4 bilhões, que se podem ser mantidos pela rapina dos recursos da Terra.

A ciência biológica, reduzindo de muito as causas da mortalidade precoce e avançando o limite da vida, interferiu artificialmente em equilíbrios naturais. O controle da mortalidade exige a contenção da taxa de natalidade. A moderna tecnologia pode decuplicar a produção de alimentos mas nunca em proporção adequada à escalada demográfica.

A prolificidade exagerada será um verdadeiro genocídio em escala mundial. Quem se opuser a um controle planejado, tornar-se-á forçosamente favorável ao controle demográfico, natural e implacável - fome, guerra, crises, desagregação social.

Em 60 anos a população mundial aumentou de 87%, a da América Latina 227%, a do Brasil 283% - e o que é mais grave, continuamos a aumentar em número, continuamente.

Nos países subdesenvolvidos ou em processo de desenvolvimento a população cresce muito mais rapidamente do que as inversões do capital básico: logicamente os recursos aplicados à infra-estrutura são rapidamente absorvidos, sem se obter melhoria na situação. Nas áreas urbanas o aumento explosivo de número de habitantes gera pedidos adicionais que se sobrepõe exponencialmente às necessidades básicas de moradia, educação e saúde.

O componente demográfico assume uma das mais relevantes características na dinâmica social contemporânea, sendo um dos aspectos mais específicos da problemática do Desenvolvimento.

O que determina se uma região está superpovoada é a relação -recursos disponíveis, em base permanentemente sustentável- e o tamanho da população. Para nosso atual estilo de vida e capacidade sócio-económica, já estamos superpovoados. A sociedade de consumo que só abarca cerca de 1/4 da população já vive da exportação de matérias-primas irrecuperáveis.

A transição de uma situação de crescimento demográfico rápido para uma situação de estabilidade só pode processar-se lentamente. A população brasileira é predominantemente jovem, de idade ainda não reprodutiva. Mesmo com uma rigorosa e utópica contenção demográfica -2 filhos por casal- levaríamos décadas para estabilizarmo-nos em nível ao dobro do atual. Mas se deixarmos ao acaso, em pouco mais de 20 anos seremos

Conseqüências Sócio-Econômicas da Explosão Demográfica - - - - - 2 - -

400 milhões.

A explosividade demográfica de nosso país impõe-nos o desafio de conseguirmos a contenção da taxa de natalidade como o primeiro passo para o equacionamento objetivo dos problemas socio-econômicos que são, ao mesmo tempo, causa e conseqüência da poluição ambiental. Nos próximos 30 anos teremos de incorporar a vida nacional maior número de pessoas do que toda a população dos 470 anos após o descobrimento do país.

Não é válido o argumento de que temos espaço físico disponível. 90% do território brasileiro situa-se entre o equador e os trópicos, ocupando o ecúmeno nacional pouco mais de 1/3 desta área. Para integrar o Brasil marginalizado ao processo de desenvolvimento é preciso planejamento ecológico a longo prazo e vultuosos investimentos de toda a ordem.

Em 1970 o professor Glycon de Paiva, em conferência na Escola Superior de Guerra, analisa "o porte da população para economicamente ocupar o espaço vazio brasileiro", concluindo que "é errado pensar-se em dezenas e dezenas de milhões de brasileiros um dia empenhados em promover a economia da Amazônia. Ao contrário, só iriam frear o difícil progresso da região e a racional valorização da área. Um dos fatores que mais dificultarão a ocupação plena e significativa da Amazônia são as atuais taxas de crescimento demográfico, das quais resultam as enormes migrações para as cidades e a necessidade daí decorrente de investirmos quase todos os recursos disponíveis no precário atendimento às suas necessidades. Enganam-se os que imaginam preencher vazios demográficos interiores pela multiplicação calculada de brasileiros. Os únicos países de interiores preenchidos são a Índia e o Paquistão"... modernamente considerados quase inviáveis.

O processo contínuo de migrações internas, com o conseqüente esvaziamento das zonas rurais é outro dos grandes problemas nacionais. Não nos cabe aqui analisar-lhe as causas em profundidade; no entanto, entre as principais, temos, como acima já dito, o aumento populacional e a exaustão do solo, advinda da ação agressiva e anti-ecológica de uma agricultura predatória.

Atraídas pela oportunidade, tantas vezes ilusória, de uma melhoria de vida, as populações do interior ocorrem aos centros urbanos. Sua falta de qualificação para o trabalho e o desequilíbrio causado pelo incremento técnico da produtividade sem a mesma proporção do aumento da demanda de mão de obra, determina a favelização quase maciça desta corrente humana.

Em Porto Alegre, só 45,4% das economias têm esgoto sanitário. Em 1951 havia 3965 habitações precárias em 41 núcleos. Em 1972, pouco mais de 20 mil (20.152); em 124 núcleos, 110 mil pessoas vivem em barracos. Constituem 12% da população e daí saem 95% dos menores abandonados.

Em 1974 uma pesquisa levada a efeito pela UFRGS e a PUC entre as camadas de baixa renda (0 a 3 salários mínimos) das 10 maiores cidades do Estado, revelou que 4/5 desta classe não eram naturais da cidade; 73,6% provinham de zonas rurais, dali havendo saído em busca de melhores condições de sobrevivência. 72% viviam em condições de favelamento ou quase. Independentemente de convicções religiosas, 79,4% aceitavam o controle da natalidade.

A CPI do Menor Abandonado verificou o ano passado haver 25 milhões de menores carentes no Brasil. Temos 110 milhões de habitantes, dos quais só 2 milhões e 400 mil pagam imposto de renda; 70 a 80% dos brasileiros ganham no máximo 2 salários mínimos.

A taxa de natalidade aumenta à proporção que diminuem as rendas do casal. Não pode haver viabilidade econômica de desenvolvimento, seja qual for o modelo político adotado, se persistirem essas condições.

Um país é pobre quando quase não poupa e quase não poupa porque é pobre. Para escapar ao círculo vicioso da pobreza só com um aumento bruto da taxa de poupança ou com a contenção decidida da taxa de natalidade.

O produto real brasileiro tem crescido a taxas nitidamente mais altas do que a população. Mas o aumento desenfreado desta população contribui negativamente para o aumento da renda per capita e significativamente para o desnível da distribuição da riqueza. Durante 7 anos o PIB cresceu em média 10% mas em 1975 o índice alcançado foi de 4%, apenas 1,3% acima do crescimento demográfico.

O desenvolvimento não pode ser avaliado apenas por parâmetros econômicos por ser

Conseqüências Sócio-Econômicas da Explosão Demográfica - - - - - 3 - -

mudança qualitativa antes que quantitativa, social antes que econômica. É, em suma, um vasto processo de humanização da vida e trabalho humanos.

Ainda que num esforço além do que já foi empreendido, voltemos a alcançar a taxa de 10% de crescimento, ou mesmo ultrapassemos-a, deduzido dela o aumento vegetativo da população, restará muito pouco para combater a miséria.

O menor carente é um fenômeno social causado pela desigualdade entre a magnitude de seu número e a insuficiência de recursos econômicos e humanos para enfrentá-lo.

O planejamento familiar é, pois, um imperativo desta realidade. Florecer a família, direito inalienável do casal, e pensar em assegurar-lhe o futuro e orientar o povo para um comportamento neste sentido não significa intervir em seu direito de procriar.

Associações de classes, entidades de serviço, autoridades econômicas e políticas vêm, quase diariamente, manifestar-se de pública sobre o assunto.

Quanto a política demográfica, o PLP enfatiza o livre arbítrio do casal na fixação do número de filhos - oferecida a oportunidade de informação, sendo facultada a opção sem qualquer constrangimento, no sentido ampliativo ou limitativo da natalidade.

Não se pode falar em opção - que é escolha - quando não há conhecimento de causa. Sabe-se que a maioria dos nascimentos nas classes menos favorecidas acontece pela ignorância ou imprevidência dos pais.

Em 1974 uma pesquisa apontava um salto de 4 para 28 milhões no consumo de píululas anticoncepcionais nos últimos 8 anos. 80% das consumidoras pertenciam a chamada classe A. O motivo para o não uso deste ou de outro método de controle nas classes carentes não significava recusa mas falta de conhecimento ou recurso.

Todos os códigos ético-religiosos concernentes ao controle da procriação tornaram-se na primeira realidade da história, quando, por inciência da medicina a mortalidade quase igualava a natalidade.

Não podemos mais aceitar que um preceito bíblico ultrapassado pelos séculos sirva de pretexto para que se aceite passivamente a vinda ao mundo de milhões de criaturas sem a mínima perspectiva existencial.

30% da mortalidade infantil no Brasil provém de doenças evitáveis - doenças infecciosas e desnutrição-. A tuberculose, doença social, tem no nosso país um índice de mais de meio milhão. Em certos estados do nordeste, de cada 1000 crianças, 700 morrem antes de atingir um ano de idade.

Para cada 5 partos da Santa Casa de Porto Alegre é registrado um caso de aborto. Sob a mão de um milhão o número de abortos clandestinos por ano, em nosso país. Toda criança abortada é um filho não querido e que, portanto, jamais deveria ter sido concebido.

Nenhum ser é um ser isolado; somos todos integrantes elementos da sociedade em que vivemos; e esta é uma realidade que transcende do indivíduo que lhe serve de substrato. As consciências particulares unindo-se e reagindo uma sobre as outras dão origem a uma realidade nova - a consciência social -; as instituições não se estabelecem por decreto, mas resultam desta vida social. Também é a sociedade um organismo vivo e como tal precisa haver uma certa homogeneidade entre seus membros para que possa progredir harmoniosamente.

Por este motivo não se pode pensar em desenvolvimento que não tenha como medida o próprio homem e a sua qualidade de vida - que está tremendamente ameaçada pela superproliferação.

O povo é pois uma realidade para a qual o Estado exerce sua função diretiva - em função de seus anseios e necessidades.

A consciência da necessidade de reduzir-se o número de nascimentos nas camadas carentes é uma decorrência da análise objetiva da conjuntura sócio-econômica que temos de enfrentar; não se trata de impôr uma política de controle mas de pôr em execução programas que dêem cumprimento ao estabelecido pelo Brasil na Conferência Mundial de População, em 1974, em Bucareste: "... o controle da natalidade não deve ser um privilégio das famílias de bom nível sócio-econômico, sendo responsabilidade do Estado prover a informação e os meios que possam ser requeridos para famílias de renda limitada".

A limitação do número de filhos no Brasil é privilégio das classes favorecidas. Precisamos lutar contra esta discriminação anti-democrática e anti-cristã.

FUNDAÇÃO EVANGÉLICA - Novo Hamburgo, RS
2º Encontro Comunitário nela Proteção do Meio Ambiente

Conseqüências Sócio-Econômicas da Explosão Demográfica - - - - - 4 - -

A trágica magnitude do problema não admite omissões. Precisamos encará-lo objetivamente, sem eufemismos ou distorções.

Este ano é o Ano do Menor em nosso Estado, que se orgulha, justificadamente, de ter o mais baixo índice de mortalidade infantil.

Mesmo assim, para um total que ultrapassa de 400 mil menores carentes, absolutas condições de miserabilidade, Comunidade e Estado juntos não podem atender mais que 40 mil, em que pese enormes somas dispendidas.

Podemos cruzar os braços perante os restantes - tristes pivetes de hoje, perigosos delinquentes amanhã?

Todo cristão tem um compromisso com a Verdade e seu campo de ação material como espiritual diz respeito também a ordem material do mundo.

As pessoas de classes economicamente favorecidas não encontram dificuldade em conciliar a limitação de filhos com a consciência religiosa. Estaremos de tal forma afetados da doutrina cristã que queiramos negar esta possibilidade precisamente para os que dela têm necessidade premente?

Toda a sociedade é hoje convocada a formar fileiras na cruzada pelo menor. É uma luta que transcende de espírito de nacionalidade porque batalha pela redenção do ser humano.

Participemos dela, com o melhor de nós mesmos, integralmente, esclarecidos pelo conhecimento da Realidade e fortalecidos pelo entusiasmo de nosso coração.

BIBLIOGRAFIA

1. Manifesto Ecológico (José Lutzemberger)
2. Perfil Sócio-Econômico das Populações Urbanas, Vols. I e II (Pesquisa UFRGS-IBG)
Francisco Ferraz - Helgö Trindade - G. de Carvalho - Eduardo Aydes
3. Brasil - Realidade e Desenvolvimento (Sugestões Literárias S/A)
4. Para um Brasil Melhor (E. Cudin)
5. Brasil 2001 (Mário Henrique Simonsen)
6. Geopolítica do Brasil (Gal. Colbery do Couto e Silva)
7. Demografia (Pedro Calderan Beltrão S.J.)
8. Introdução ao Estudo da Sociologia (Gilberto Freyre)
9. A Ciência Social e a Ação (Emile Durkheim)
10. Antes que a Natureza Morra (Jean Borst)
11. O Homem e seu Ambiente (Gerhardt Kahde)
12. II P.N.D. - (S. Literárias)
13. Ciclo de Atenção Mãe-Filho (Dr. Tomaz José Tomando) Abril/76
14. Revistas: Administração de Empresas
Arquitetura
Realidade
Veja
15. Relatório PEREM 1975

CÍRCULO VICIOSO DA MISÉRIA

Magdolna M. Vozári Hampe
Professora de Bio-Química da UFRGS
Clube Scroptimista de Porto Alegre

Há cerca de 16 anos atrás, estávamos com uns amigos numa fila, aguardando a entrada para o cinema, quando acercou-se de nos um destes meninos que atualmente chamamos de pivetes, solicitando uma esmola. Deveria ter uns 8 anos de idade e, acompanhava-o, a alguns passos de distância, sua mãe, tendo ao colo um bebê e ao seu lado um menino de seis e outro de cinco anos. Um sentimento de solidariedade humana, misto de compaixão e curiosidade, fez-nos perguntar a esta, sobre sua vida. Chamava-se Maria D., o pivete Pedrinho e o bebê Teresinha. Já lhe haviam morrido três filhos, desde que Pedrinho nascera, mas teria tido mais crianças ainda, não fosse a "Comadre a fazer o "serviço". A menina nascera porque não havia conseguido em tempo, o dinheiro necessário para a "Comadre" e depois foi muito tarde. Tinha ficado muito abalada quando pela primeira vez enfrentara a morte de um de seus filhos pequenos. Na morte de um outro chorou muito, mas no do terceiro já estava acostumada, e se Teresinha morresse, porque estava bem fraquinha, aí talvez ela pudesse ir trabalhar, segundo a sua opinião, porque os meninos tomariam conta deles mesmos. Sim, porque ela já havia trabalhado como doméstica até casar com um pedreiro e engravidar. Depois disto, ninguém mais quis emprega-la. Morou com o marido numa casinha alugada numa vila operária, onde nasceu-lhe o primeiro filho, o segundo, o terceiro e aí, as coisas foram-se complicando. Eram cinco bocas a alimentar e não houve mais condições de pagar o aluguel da casa, acabou a família, por se fixar num casebre de uma vila marginal. Lá, foi a sucessão de mortes e nascimentos de crianças, até que o marido, cansado de tudo, abandonou-a. Maria D., juntou-se a um "companheiro" por necessidade de sobrevivência e este, dava-lhe o dinheiro necessário para o "serviço da Comadre", mas acabou abandonando-a também, quando da última gravidez, e aí estava ela, mendigando com os filhos.

Por um destes fatos estranhos da vida, há um ano mais ou menos, abrindo um de nossos jornais, deparamos com a notícia de que perigoso delinqüente fora morto durante tiroteio com a Polícia. Seu nome: Pedrinho D. Um dos irmãos era procurado pela Polícia, o outro morrerá numa briga, assim como a mãe, mas esta, não sem antes ter dado a luz mais três filhos que perambulavam pela cidade como novos pivetes, preparando-se para o futuro de delinqüência que os espera nos próximos 16 anos. Pedrinho morreu, mas deixou 2 filhos tidos com uma companheira de seu meio. Esta para sobreviver, terá de procurar um novo companheiro, pois quem lhe dará emprego com 2 filhos pequenos? Com o novo companheiro virão novos filhos e, de repente, passaremos com o fato de que assim como há famílias com tradição política, médica, etc., etc., teremos em breve elementos de famílias com tradição de marginais.

Quanto à irmã de Pedrinho, esta não morrerá, fora presa por vadiagem durante a noite, e estava-se tentando recuperá-la numa destas Instituições para meninas delinqüentes, semelhante ao Lar Santa Marta. Neste último, para a tentativa de recuperação de cerca de 25 meninas internadas, na faixa etária de 12 a 18 anos de idade, o Governo do Estado, num serviço exemplar, dispense recursos com cerca de 22 pessoas, desde as Assistentes Sociais, ao médico, psiquiatra, professoras, estagiárias, etc., ou seja, praticamente um elemento adulto para cada interna, e mesmo assim, nem sempre a recuperação situa-se na faixa dos 100%. Muitos dos elementos aí recolhidos são seres que até então, não tinham futuro, esperança ou razão de vida útil para si mesmos, para a sociedade e para a nação. Viviam num submundo sem Deus, apenas com temor a certos fetichismos, não conhecendo, nem obedecendo a leis, e sem possuírem preceitos de moral de qualquer espécie. Em algumas destas infelizes crianças, apenas a forma humana de seus físicos e a habilidade de exprimir por pensamentos as palavras, eram as características que as faziam, na época do recolhimento, serem classificadas como seres humanos. Suas mentalidades são totalmente diversas do que concebemos para a condição humana atual. É por esta razão que a recuperação destas meninas é lenta, dispendiosa e nem sempre completa. No entanto, quando diante de situações como estas que relatamos, pre-tende-se invocar a disseminar conhecimentos sobre a Paternidade Responsável e de um Planejamento Familiar, com possibilidades de se utilizar meios que não contrariem as leis vigentes, para evitar-se a concepção, surgem toda sorte de polêmicas e restri-

Círculo Vicioso da Miséria - - - - - 2 - -

ções, desde as de natureza pseudomoral, religiosa, sócio-econômicas, política e até mesmo politiquêsiras. Até Segurança Nacional é invocada por certos elementos para argumento a uma continuada explosão demográfica, exatamente, à custa dos elementos mais carentes de nossa sociedade. Procuram-se milhares de causas para os problemas semelhantes aos de Pedrinho, apenas não se reconhece que a miséria surge muitas vezes quando o que se ganha, sendo apenas suficiente para quatro, deve ser repartido entre dez, e não surgiria, se os que ganham para 4, permanecessem como uma família de 4. O nascimento indiscriminado dos irmãos de Pedrinho, cortou-lhe todas as chances de um futuro mesmo pobre, mas honesto, numa simples vila operária. Quer se atribua à Sociedade a responsabilidade da criação dos filhos das famílias que só podendo ter 2 filhos, têm 10, como se cada pessoa tivesse responsabilidade nas conseqüências dos atos praticados por seus vizinhos na satisfação de suas necessidades sexuais. Pretende-se resolver os problemas da explosão demográfica, com sugestões de maior produção de alimentos, novas frentes de trabalho, divisão de bens com os necessitados, criação de creches e instituições para crianças desamparadas, etc., etc., mas nada de controle da natalidade. Nem mesmo concorda-se que haja uma campanha de esclarecimento de âmbito Nacional, para o uso de recursos para evitar a fecundação, afim de se eliminar o drástico processo dos abortos criminosos que campeia em nossas vilas marginais. Sem um controle de natalidade, nenhuma dessas medidas de elevação dos padrões de vida dos necessitados surtirá efeito. Qualquer tipo de Governo, com qualquer filosofia, que aplica-se hoje, todos os recursos financeiros da Nação, na instalação de creches, lares de crianças, centros de recuperação, para todos os menores carentes, deixando de lado todas as demais metas governamentais, dentro de 5 anos, teria o problema ressurgido, em se levando em conta as previsões de número de novos nascimentos neste período. Este número é tão grande nos países em desenvolvimento e nos subdesenvolvidos que suas sociedades não os conseguem absorver, e mesmo as dos países mais desenvolvidos não conseguiram. Novas fábricas, exigem as vezes, anos para sua instalação, um abacateiro leva 7 anos para dar frutos, o gado para crescer gosta no mínimo 3 anos para crescer e mesmo a sua reprodução é controlada por ciclos reprodutivos, durante o ano, pela própria natureza. O único mamífero que é capaz de manter relacionamento de natureza sexual em qualquer instante durante o período de sua maturidade sexual, é o homem, daí pois os nascimentos também a qualquer instante, devendo portanto ser a pessoa humana o controlador de sua reprodução, a não ser que queira ser em breve o único ser vivo sobre a face da Terra, não lhe restando outro meio para sobreviver, senão, o comer-se uns aos outros.

A restrição à natalidade, imposta à mesma pelas famílias pobres da Europa, principalmente depois dos anos 20, acompanhada do uso da mão-de-obra feminina, através de sua profissionalização, foi que elevou o padrão de vida das comunidades Europeias. O salário que deveria ser dividido entre 8, 10 filhos, passou a ser em geral, por 2 ou no máximo 4, que adquiriram melhores condições sócio-econômicas para o seu desenvolvimento físico e psíquico, tornando-se elementos úteis a si e às suas nações. Toda pessoa por pouco esclarecida que seja, compreende e concorda que um litro de leite diário, passível de ser comprado pelo elemento de salário mínimo, supre as necessidades mínimas de leite de 2 crianças, mas não de 10.

Um dos maiores erros em que incorrem certos elementos é de dizerem que é necessário quantidade de gente e não qualidade para ocupar e tornar produtivas determinadas áreas de terra. Podemos afirmar que é a qualidade do homem e não a sua quantidade que fará a ocupação e produzirá rentabilidade da terra. Um homem de bom padrão físico e psíquico, e com alguma instrução, fará a terra render mais e saberá defendê-la melhor que 5 analfabetos, raquíticos e com baixo Q.I.

O aumento demográfico da população, sem possibilidades de aumento concomitante de recursos para a preservação da vida, como seres humanos, destruição dos recursos naturais em velocidade superior às possibilidades de reposição dos mesmos, e a preocupação atual de homens, governos e entidades nacionais e internacionais esclarecidas, haja vista a recente advertência lançada por Cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, através do Clube de Roma, após 3 anos de investigação, de que se for mantida a tendência de crescimento da população mundial nos níveis atuais, e o consumo de matérias-primas e de energia, estes não poderão ser mantidos por mais de 100 anos. Já na atualidade os recursos e a produção de bens na Terra, são escassos para mag

ter toda a população existente no mundo, em nível nutricional e econômico condizentes, de acordo com os relatórios da Unesco sobre a fome e a miséria existentes por toda a face da crosta terrestre.

Aos que disserem neste momento que a fome e a miséria desapareceriam se os países e as pessoas ricas dividissem todos os seus bens com os carentes, responderíamos que não seria a solução, pois se isto fosse feito, todos sem exceção, tornar-se-iam irremediavelmente pobres. Urge isto sim, deter-se, pelo menos por certo tempo, de uma maneira racional, este aumento sem freios de crescimento da população, através de campanhas esclarecedoras, supridas de meios adequados, de modo que o número de nascimentos seja condizente com a capacidade de absorção pela sociedade e, com os recursos existentes, para que cada criança que venha ao mundo, tenha oportunidade de viver e tornar-se adulto, tendo amor, alimentação, educação, saúde física e mental, dentro dos padrões atuais de bem-estar e civilização humanas.

As restrições ao controle de natalidade de orden moral-religiosa são incompreensíveis na atualidade. A própria Igreja Católica reconhece a problemática da explosão demográfica, permite a Paternidade Responsável, mas não os métodos utilizados no controle da natalidade. O "Frutificai e Multiplicai-vos" é interpretado como sendo: "Frutificai e Multiplicai-vos, de qualquer modo, mesmo que isto traga apenas dor e sofrimento, e se enquile com o passar do tempo, toda a vida vegetal e animal sobre o Planeta". Em nossa opinião a interpretação poderia ser: "Frutificai e Multiplicai-vos, racionalmente, de modo a preservar a vida animal, vegetal e humana sobre a Terra sob vossa responsabilidade, como únicos seres a quem foi dada a capacidade de raciocínio". No próprio Antigo Testamento, encontramos citações através das quais verifica-se com a descrição detalhada do método empregado, que os indivíduos procuravam já naquela época evitar a fecundação pelas razões mais diversas. No próprio Genesis, Capítulo 38, encontra-se descrita a recusa de fecundar a viúva do irmão, morto sem deixar prole e como algo não agradável ao Senhor. Entre outras coisas a Bíblia também proíbe a ingestão de carne de porco, rato, cobra, coelho, etc., etc., e ninguém duvida nos dias atuais que a proibição da ingestão de carne de porco foi imposta por Moisés ao seu povo, quando vagavam pelo Deserto a procura de uma Terra fértil para se estabelecerem, por razões profiláticas por ser a carne de porco transmissor da triquinose que grassava na região. Atualmente, ninguém obriga um indivíduo a desposar a viúva do irmão, e cristãos e judeus, com exceção feita aos ortodoxos, ingerem carne de porco, sem que se lhes diga, tratar-se de pecado passível das penas do inferno. O mesmo não sucede com o controle de natalidade, em relação aos católicos. Toda pessoa que respeita a vida, concorda que interromper uma gravidez através do aborto provocado, é destruir uma vida em formação, medida contra a qual nos manifestamos, exceção feita nos casos previstos por Lei. Mas o que não podemos compreender é esta insensata teimosia em defender que toda a célula sexual masculina deva penetrar no organismo feminino, e uma vez aí, deva ter o direito de encontrar a sua disposição um óvulo para ser fecundado, nada podendo ser interposto em sua trajetória, e tão pouco possa-se impedir que em cada 28 dias, um óvulo seja-lhe formado para este fim. Defendemos o direito à vida do feto mas defender o direito de uma célula reprodutora masculina em fecundar, nos mesmos níveis de igualdade que a defesa da vida do feto, é algo totalmente absurdo.

Usar a mulher por quem quer que seja, com fins de elemento reprodutor de rebanho humano, sem respeitar o seu querer e seus sentimentos de amor e sofrimento em relação a seus filhos, e compará-la aos irracionais, e é um crime contra a sua própria humanidade.

O MENOR CARENTE E O PLANEJAMENTO FAMILIAR

Thomas J. Lomande

1 - Menor Carente

Todo o país desenvolvido cresce a menos de 1% ao ano, dobrando seu contingente populacional e suas novas necessidades no longo espaço de tempo de um século.

Nesse estágio de progresso há maior soma de recursos materiais e lento aumento de novas demandas como consequência do baixo crescimento da população. Além disso, a renda "per capita" é bem elevada, também a capacidade de recursos e de consumo. Apresenta, por isso, melhor qualidade de vida, baixo índice de natalidade e muito baixa taxa de mortalidade infantil, pelas melhores condições de educação e saúde, bem assim, maior longevidade.

De outra parte, verifica-se que todo o país com índice de crescimento populacional superior a 2% ao ano é subdesenvolvido. Estes dobram sua população em espaços de tempo bem mais curtos.

O Brasil, por exemplo, cada 24 anos cresce na taxa anual de 3,8%. A população mundial dobrará a cada 35 anos, pois está crescendo no elevado índice médio de 2%, mais a custa dos países pobres do que dos desenvolvidos e, no ano 2.010 atingirá o impressionante contingente de 8 bilhões de habitantes.

O mundo subdesenvolvido, no qual está incluído o Brasil com exuberante crescimento populacional, apresenta demanda maior que capacidade de suprimentos de suas necessidades básicas, como habitação, alimentação, saúde, educação, segurança social, etc..

Esses fatos estão confirmados no impressionante relatório publicado em 10 de junho do corrente ano, pela Comissão Parlamentar de Inquérito que investigou na Câmara Federal o problema da criança e do menor carente no Brasil, cujas conclusões devem merecer a atenção do governo e do povo em geral para, em esforços conjuntos, conhecer o drama e enfrentar o desafio.

Permitamo-nos, nesta oportunidade, destacar em síntese seus registros muito significativos e abaixo mencionados:

1. Ficou registrado no citado documento a existência de 12.542.908 menores carenciados de suas necessidades básicas;
2. também a existência de 1.909.570 crianças e juvenis abandonados;
3. os números acima citados referem-se a carência e ao abandono visíveis, percebidos pelos Prefeitos informantes. Mas, alguns indicadores econômicos, principalmente os que fixam em até dois salários mínimos o rendimento mensal de dois terços da população assalariada, nos autorizam a avaliar em 25 milhões a população de menores carenciados e abandonados;
4. o êxodo rural, as migrações internas constituídas por imigrantes sem renda nem qualificação profissional, a urbanização inevitável e irreversível com um dos mais elevados índices do mundo, crescendo sempre com o desenvolvimento regional, como São Paulo onde 86,85% é população urbana, são fatores agravantes dessa marginalização. Em 1980 dois terços da população nacional deverá estar vivendo nas cidades, enquanto que apenas um terço restará no campo.

Este elevado índice de crescimento urbano é considerado um grande mal, quando se temos que as cidades não possuem condições de absorver a mão-de-obra do campo e que a infra estrutura dos centros de atração econômica é deficiente para atender as necessidades de saneamento, habitação, escolarização e outras demandas que se fazem sentir para o bem estar social.

O famoso Cinturão da Pobreza que envolve as cidades latino-americanas de um modo geral evidenciam a situação de carência da população periférica, em forma de favelas, mocambos, cortiços, malocas e demais moradias suburbanas.

5. A Explosão Demográfica, que este século assiste, assume proporções catastróficas, nos países subdesenvolvidos, onde maiores são os índices de natalidade e menores os de produtividade agrícola. Assim, notam-se nas camadas economicamente inferiores da população, onde a miséria é mais gritante, as famílias mais numerosas e carentes. Nestas, a natalidade cresce em razão inversa do desenvolvimento econômico, por isso nascem mais crianças nas classes pobres do que nas mais favorecidas.

Houve redução da natalidade com relação ao decênio anterior (43.32 para 37.73).

FUNDAÇÃO EVANGÉLICA - Novo Hamburgo, RS
2º Encontro Comunitário pela Proteção do Meio Ambiente

O Menor Carente e o Planejamento Familiar - - - - - 2 - -

Porém, os progressos médico-científicos provocaram mais evidente decréscimo da mortalidade (13,43 para 9,43), resultando na ainda elevada taxa de crescimento da população brasileira de 2,83% (censo de 1970), com capacidade de sua duplicação em cada 24 anos;

6. A nossa população jovem (0 a 19 anos) apresenta o elevado índice de 52,88% com uma população ativa de apenas 33,4% (censo de 1970). Estes dados, sem dúvida alguma, sugerem baixa capacidade econômica da população, onde um trabalho para sustentar a si e mais dois. Por isso, o baixo poder aquisitivo dos indivíduos. Essa impossibilidade ou incapacidade de produzir e de consumir traz como decorrência as demais condições. Assim, a pobreza gera as deficiências nutricionais e, principalmente, a desorganização da família, o aumento da mortalidade infantil, o despreparo profissional, a deficiência física e mental quando incide na faixa de 0 a 6 anos, idade em que o cérebro humano atinge 80% de seu desenvolvimento. É pois a miséria origem de todos os males e a causa mediata ou imediata da delinqüência infanto-juvenil. É a mesma situação de carência evidenciada-se também em 30% da população da grande Porto Alegre, com rendimento de até 1,5 salário mínimo regional o que corresponde a uma renda mensal de Cr\$ 104,00 a 151,00 por pessoa.

7. Todos os depoentes foram unânimes em afirmar que a Educação é o maior problema do Brasil, enquanto seja o meio mais eficiente de recuperação e promoção do menor.

A Constituição Federal (art. 176, § 3º, II) assegura a obrigatoriedade e a gratuidade do ensino primário nos estabelecimentos oficiais aos brasileiros de 7 a 14 anos de idade. Posteriormente, em 1971, a Lei Nº 5692 ampliou esta faixa de escolarização para 8 anos, ao instituir o ensino fundamental de 1º Grau.

Apesar do sistema educacional brasileiro apresentar um aumento bastante significativo nos últimos anos, a situação hoje, para um espaço de tempo de 8 anos de escolarização, é bem mais difícil do que antes, quando oferecia 4 anos apenas.

A Professora Ana Bernardes, Diretora do Ensino Fundamental, declarou que já alcançamos a elevada taxa de escolarização de 7 a 14 anos de idade de 85,2%, mas acrescenta que: "Temos ainda fora da escola de 1º Grau, isto é, sem nenhum atendimento escolar, cerca de 3 milhões, 280 mil, 550 menores em idade escolar." E continua: "... se pensarmos no crescimento da população brasileira, que anda por volta de 2,9%, acrescentaríamos para 1976 perto de mais de três milhões de crianças que completam 7 anos e por isso passaram a ter direito de ingressar na Escola".

Esta deficiência fica patente quando se examinam dois índices de desperdício: a Evasão e a Reprovação Escolares, com uma capacidade de promoção para a 2ª série de apenas 44,6%;

8. a assistência médica, importantíssima em um país como o nosso, onde a taxa de mortalidade infantil é das mais elevadas do mundo é, também, deficiente;
9. a Fundação Nacional do Bem Estar do Menor (FUNABEM) não possui condições para solucionar o problema, cada vez mais agravado pelo crescimento demográfico.

As Fundações Estaduais não dispõem de recursos suficientes para enfrentar a magnitude do problema. Idêntica é a situação dos municípios;

10. Além de outros importantes dados omitidos nesta síntese, finaliza o Relatório publicado no Diário do Congresso Nacional de 10/06/76 com o seguinte apelo: "Urge uma ação mais eficaz ditada pela Presidência da República, à qual deverá subordinar-se o órgão potenciador de esforços. Somente um organismo com a força de um Ministério, centralizando um sistema de atendimento, poderá atingir, em escala nacional, a magnitude do problema. Caso contrário a ação governamental continuará representando uma gota d'água num vasto oceano de necessidades".

II - Planejamento Familiar ou Controle de Natalidade

Inicialmente, justiça é reconhecer o importante trabalho realizado pelos nobres Membros da C.P.I. da criança e do menor carentes, presidida pelo ilustre deputado gaucho Carlos Santos e relatada pelo não menos ilustre deputado mineiro Manoel de Almeida. No decurso de 6 meses foram ouvidas as mais credenciadas autoridades deste país sobre esse grave problema, incluindo informações da maioria dos Prefeitos, contidas

FUNDAÇÃO EVANGÉLICA - Novo Hamburgo, RS
2º Encontro Comunitário pela Proteção do Meio Ambiente

O Menor Carente e o Planejamento Familiar - - - - - ;

nos questionários por estes preenchidos.

Trata-se, pois, de precioso documentário de investigação social, que pôde diagnosticar e quantificar o drama brasileiro que atinge e aniquila cerca de 25 milhões de menores e jovens carentes, envolvendo metade de nossa população menor de 20 anos, ou seja, a quarta parte da população brasileira.

Marcado pelo estigma da carência desde o início da gestação, esse sofrido grupo populacional comparece significativamente na elevada taxa de mortalidade peri-natal e infantil: 500 mil morrem antes de atingir um ano de vida e fornecem metade do obituario brasileiro, antes de alcançar 10 anos de idade.

Dessa forma continuam esses jovens patricios pela vida afora, sofrendo tocos as carências do ciclo vicioso da pobreza, que traz em seu bojo a ignorância, a doença, a miséria, causadoras da incapacidade física, mental, educacional, profissional e econômica, para continuar aumentando a bola de neve da marginalização social.

Mobilização geral para interromper esse ciclo vicioso da pobreza é a questão levantada por aquela Comissão de nobres Parlamentares que sofrem com o governo e o povo a angústia da incapacidade de pronta solução para esse grave desafio brasileiro.

Abertura imediata de um crédito especial de Cr\$ 1.500.000,00 (Um bilhão e quinhentos milhões de cruzeiros), com vigência por dois anos, para o atendimento do sistema do menor, ora proposto, através do Projeto Don Bosco, foi a solução inicial sugerida pela C.P.I. do Menor Carente.

Entretanto, se considerar-se o expressivo número desses menores, quantificado em cerca de 25.000.000 de crianças e jovens necessitados da ajuda estatal, isso não representa serão mais uma gota d'água, que somada à gota d'água da ação governamental (expressão do Relatório da C.P.I.) para atender um vasto oceano de carências porou, uma vez distribuída, caberá a cada menor a modesta importância de Cr\$ 60,00 por ano, ou seja, Cr\$ 5,00 (Cinco Cruzeiros) por mês, para cada um.

É, sem dúvida, tarefa de difícil solução, principalmente num país tão grande como o nosso, onde os problemas se multiplicam e são sempre maiores do que os recursos de que podemos dispor. (Do pronunciamento do eminente Presidente Geisel em Jau, publicado no "Correio do Povo" de 14/08/76, referindo-se ao nosso desenvolvimento político, econômico e social).

Essa observação não leva nenhuma intenção de crítica a ação governamental, nem ao brilhante trabalho da C.P.I. do Menor, considerada uma contribuição honesta, porém ainda ineficaz diante da magnitude do problema "Menor Carente".

Por isso, como médico estudioso do problema da saúde materno-infantil, com mais de 20 anos de vivência prática, continuo sentindo as mesmas angústias e apreensões que todos sofrem quando se renova a realidade da falta de inspiração ou coragem decisória das autoridades, no que tange alcançar solução objetiva, viável e prática para conter esse desafio nacional.

De outro lado, sentimos que enquanto continuar a demanda maior que a disponibilidade de recursos, causada pelo exuberante crescimento demográfico, não será encontrada solução plausível, quer com nova reestruturação ou mesmo num maior nível de competência dos órgãos responsáveis.

Por isso, necessário se torna uma mudança de atitude e de política de ação, objetivando atingir o mal na sua origem, fazendo cessar a causa para que desapareçam seus danosos efeitos.

Ademais, nota-se que todos os planos até agora elaborados para tratar o problema do menor, embora válidos pela nobreza do objetivo que pretendem alcançar, incidem sem pre no mesmo erro original atingindo o mal apenas no efeito -O Menor Carente- ao invés de ir na causa para primeiro conhecê-lo, dimensioná-lo e eliminá-lo na sua fonte geradora, ou seja, na "fábrica do menor carente", isto é, na desagregação da família pobre, tão bem caracterizada no importante relatório elaborado pela C.P.I.

Por isso, pretender secar o chão com a torneira do mal aberta é simplesmente perder o tempo e o pouco dinheiro disponível, sem nada de positivo obter-se. Entretanto, procurar fechar a torneira que derrama o mal deverá ser o principal objetivo a alcançar, o procedimento inicial, o óbvio.

Somente assim secará o chão, cessará a causa, desaparecerá o efeito, acatará o mal. Entretanto, se continuarem insistindo na mesma maneira de equacionar esse grave problema, apenas no seu efeito, ele persistirá cada vez mais distanciado da solução

O Menor Carente e o Planejamento Familiar - - - - - 4 - -

pretendida, como está acontecendo presentemente, porque a cada dia que passa continua crescendo, apresentando demanda sempre maior para o pouco e limitado recurso disponível para o atendimento.

Isto posto, resta então procurar solução no exemplo deixado por outros países que sofreram com nos o mesmo problema e estão conseguindo solução nas alternativas de uma política governamental de Controle de Natalidade (China, Índia, etc.) ou programa Educacional e Assistencial de Planejamento Familiar.

Entretanto, resta apenas a adoção de um programa oficial de Planejamento Familiar, cabendo ao Estado a responsabilidade de "prover as informações e os meios que possam ser requeridos por famílias de renda limitada (Bucarest, 1974), já que o governo brasileiro é contrário ao Controle de Natalidade e em respeito a nossa formação cristã e democrática.

O Planejamento Familiar é pois iniciativa de baixo custo e com viabilidade econômica, se for executado através das infra-estruturas já existentes de Educação e Saúde.

A primeira "Educação" caberia a importante tarefa educacional de desenvolver a responsabilidade de ser pai e de ser mãe, buscando eliminar a paternidade irresponsável.

A segunda -Saúde- através dos órgãos de saúde pública e assistência médica previdenciária, desenvolveria um programa de Planejamento Familiar, integrado com a assistência materno-infantil, na forma preconizada pela Organização Mundial de Saúde, isto é, completaria o ciclo de atenção materno-infantil, cuidando da mulher na idade fértil, também nos períodos pré-concepcional e intergestacional.

Por fim ressaltar que Planejamento Familiar tem três objetivos essenciais:

1. Melhorar a saúde, baixando a taxa de mortalidade infantil, de aborto provocado e de câncer genital feminino;
2. Respeitar o direito humano fundamental dos pais decidirem livre e responsabilmente, quanto ao número e espaçamento de seus filhos tem como fornecer-lhes as informações e os meios adequados ao exercício desse direito;
3. Buscar o equilíbrio familiar e, conseqüentemente, o equilíbrio social, econômico e demográfico.

Falar mais sobre a necessidade dessa providência seria ulular sobre o óbvio.

III - O que é Planejamento Familiar?

1. É educação, orientação, informação e assistência na formação da família. Unidade Básica da nossa Sociedade;
2. Não é política governamental de Controle de Natalidade, mas programa educacional e de saúde pública de controle de mortalidade materno-infantil, aborto clandestino, de menor carente, deficiente ou abandonado;
3. É direito humano fundamental dos pais decidirem livre e responsabilmente quanto ao número e espaçamento de seus filhos (ONU, 1968);
4. É um direito que deve ser divulgado, proporcionando-se os meios adequados ao seu exercício (ONU, 1969), que é reconhecido no Brasil como da "Responsabilidade de Estado prover as informações e os meios que possam ser requeridos por famílias de renda limitada (Bucarest, 1974);
5. É cuidar da mulher no período procriativo, recomendando a idade ótima de gestação que é dos 18 aos 30 anos;
6. É evitar a gravidez em adolescentes, em mulheres idosas ou doentes, prevenindo gestação de alto risco, incidentes em 30% das prenhez, as quais são responsáveis por 70-80% da mortalidade peri-natal;
7. É evitar concepção não desejada e, conseqüentemente, o grave problema médico, econômico e social do aborto provocado, incidente em 30% nas causas de mortalidade materna;
8. É melhorar o desenvolvimento físico e mental da criança, pelos cuidados preconcepcional ou aumento do intervalo intergestacional, melhorando, conseqüentemente, as condições de vida desde a concepção;
9. É fazer prevenção de câncer ginecológico, incidente em 25% na mortalidade feminina por doenças malignas;
10. É promover a descendência sadia, pois é preferível 3 filhos com saúde a 8 enfermos e famintos;

FUNDACÃO EVANGÉLICA - Novo Hamburgo, RS
2º Encontro Comunitário pela Proteção do Meio Ambiente

O Menor Carente e o Planejamento Familiar - - - - - 5 -

11. É promover assistência materno-infantil para 60% da população brasileira, que é composta de menores de 20 anos e mulheres férteis;
12. É atendimento oferecido, nunca imposto, e educativo e assistencial. É decisão governamental de redução da taxa de mortalidade, particularmente Mortalidade Infantil (Lucarest, 1974);
13. É procurar atingir, como já foi dito antes, três objetivos essenciais:
 - MELHORAR A SAÚDE;
 - RESPEITAR OS DIREITOS HUMANOS;
 - BUSCAR O EQUILÍBRIO FAMILIAR E, CONSEQUENTEMENTE, O DEMOGRÁFICO.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Diário do Congresso Nacional de 10/06/76 (C.P.I. do Menor)
2. LOMANDE, Thomaz J. Aspectos Médicos do Planejamento Familiar, ADFG - 25/10/75
3. WORLEY, David - Prioridades Pediátricas no Mundo Subdesenvolvido.
4. REZENDE, Jorge - Conclusões do Tema Oficial do XI Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia. Revista Fêmea, Vol. 3, Nº 12, p. 747, Dezembro/1973.

CAMPANHA DO "LIXO LIMPO"

Yara Rodrigues

Clube de Mães - Vila Assunção

1. OBJETIVOS: Educar para a poupança e reciclagem de: jornais, revistas, livros, cadernos, papelão, sacos plásticos, latas, ferro velho, garrafas, aqui denominadas Lixo Limpo:

- diminuir a quantidade de lixo, evitando maior poluição;
- aproveitar material reciclável, poupando preciosos recursos naturais;
- proporcionar empregos a jovens marginalizados.

2. JUSTIFICATIVA: O problema do lixo hoje é mundial. Todas as grandes cidades lutam para encontrar novos terrenos adequados para seus depósitos de lixo, pois já sabemos que até mesmo o lixo doméstico contém perigosos venenos que lentamente contaminam não só o solo, mas também os lençóis de águas freáticas das quais a humanidade já hoje depende em grande parte do globo terrestre. Além disso os cientistas não se cansam de alertar para o esgotamento dos recursos naturais. No entanto todos nós, todos os dias, atiramos em nossas latas de lixo grande quantidade de artigos recicláveis, que voltando às suas origens, poupariam florestas e minérios, enquanto que, os restos orgânicos de nossas cozinhas, devidamente compostadas (segundo o exemplo que a própria natureza nos dá), se transformariam em poderoso adubo para nossos solos erodidos. "O que provém da terra, deve voltar à terra". A solução adequada para o lixo hoje é uma necessidade, amanhã será um imperativo.

3. ORGANIZAÇÃO DA CAMPANHA:

1ª Etapa: Contactar as indústrias das proximidades para averiguar se já fazem a reciclagem e saber quais são os artigos que aproveitam. Fomos à pesquisa de mercado, debater com órgãos governamentais e entidades comunitárias as possibilidades de organização para a coleta, seleção final e venda do lixo limpo. Para este trabalho várias modalidades estão sendo adotadas em diversas cidades na Europa e nos Estados Unidos. Na França, cidade de La Rochelle, o serviço de Limpeza Pública, em um determinado dia da semana recolhe semente os artigos recicláveis, que são levados a um depósito para a seleção final e venda as indústrias com as quais foi feito um convênio prévio. Em Porto Alegre esse esquema, montado com a participação do Departamento Municipal de Limpeza Urbana e a Cidade de Deus, não funcionou satisfatoriamente. Hoje, conseguimos organizar um grupo de coletadores individuais que, em dias previamente fixados, percorrem determinadas ruas, recebendo o material que vendem por conta própria.

2ª Etapa: Motivar as donas-de-casa para fazerem em seus lares a seleção do lixo limpo. É fácil colocar em um vasilhame separado, durante uma semana, os papéis, plásticos, vidros e metais. No dia já determinado o coletador, devidamente uniformizado e munido de cartão de identificação, se apresenta para levar esse material. A motivação das donas de casa depende de uma divulgação maciça através da televisão, rádio, jornais, folhetos, palestras e de contatos pessoais, que podem ser feitos nas ruas abrangidas através do telefone. Convém deixar muito claro a data do início da campanha bem como os bairros atingidos. Para cada um deles deve haver uma supervisora que controle o funcionamento.

Conclusão

Uma campanha nesse estilo exige trabalho e perseverança. As donas-de-casa, uma vez motivadas, aderem com grande entusiasmo. Difícil é apenas a educação dos coletadores para um trabalho regular e continuado. Mas vale a pena encetar essa luta, pois o lixo limpo atirado na natureza envenena águas e terras, mas voltando às fábricas constitui preciosa matéria-prima. Quem se engaja na Campanha do Lixo Limpo estará auxiliando a preservar o meio ambiente para o seu próprio bem e o das gerações futuras.

IBAMA - INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE
2º Encontro Comunitário pela Proteção do Meio Ambiente

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
RIO GRANDE DO SUL

COMISSÃO DE ENSINO DE 1º GRAU

Parecer Nº 299/76

Processo Nº 021.1.145/75

Considerações sobre a prática da vivisseção
no ensino de Ciências; a importância da eco-
logia - Recomendações às escolas de 1º grau.

A Senhora Diretora do Departamento de Educação Fundamental do Ministério de Educação e Cultura, em expediente que acompanha o Ofício Circular Nº 1.570/75, dirigido à Presidência deste Conselho, assim se manifesta:

"Tem chegado a este Departamento, diretamente, por correspondência e, indiretamente pela imprensa, o que por certo é do conhecimento desse egregio Colegiado, inúmeras manifestações, ora de repúdio, ora de apreensão em face do uso indiscriminado e constante da técnica de vivisseção no ensino de Ciências nas diferentes séries do 1º grau.

"Relacionado o assunto ao desenvolvimento de currículo, este Departamento de Educação Fundamental enviou, as referidas equipes, o expediente em anexo.

"Todavia, o assunto deve merecer atenção especial dos colegiados normativos dos sistemas de ensino a fim de que seja evitada esta técnica de vivisseção no 1º grau, em condições que, longe de favorecer a aprendizagem, tornam-se motivo de bloqueio, por oferecer realidade traumatizante para muitas crianças.

"De outra parte, a necessidade do enfoque ecológico, principalmente quanto à preservação de recursos naturais, há de ser integrada aos estudos de Ciências e diz, muito de perto, a técnica em foco".

1 - PRÁTICA DA VIVISSEÇÃO NO ENSINO DE CIÊNCIAS

A Comissão de Ensino de 1º Grau, preocupada em buscar uma fundamentação para o parecer sobre o assunto em foco, consultou dois especialistas, cujos pronunciamentos transcreve a seguir:

A - O Professor Gilberto Carvalho Ferraz, licenciado em História Natural, pós-graduado em Ecologia, credenciado pelo Centro de Treinamento para Professores de Ciências do Rio Grande do Sul (CECIRS), no qual desempenha a função de assessor técnico-científico, assim se pronuncia:

1. Definição

Segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira em seu Novo Dicionário, "vivisseção" é "operação feita em animais vivos para estudo de fenômenos fisiológicos".

Obviamente, estudos meramente morfológicos, isto é, que envolvem apenas a observação da forma e estrutura de órgãos, sistemas e aparelhos de organismo animal, podem ser feitos em cadáveres.

É de se salientar, todavia, que qualquer prática de vivisseção deve ser precedida de conveniente anestesia de modo a tornar a cobaia absolutamente insensível ao tratamento que venha a sofrer ao longo de todo o processo. Ao final da prática deverá o animal ser sacrificado antes que tenha cessado o efeito do anestésico.

2. Valor didático

No ensino a nível de 1º grau, a vivisseção se restringe a situações em que não seja possível a simples utilização de animais vivos, manipulados sem sacrifícios, isto é, semora que possível e aconselhável realizarem-se experimentos nos quais se con-

Parecer Nº 299/76 - CTE - - - - - 2 - -

dições normais do organismo vivo não sejam alteradas.

Deve ressaltar, no entanto, que nesta nível de ensino as situações que requerem vivisseccão são raras e evitáveis ou podem perfeitamente ser reduzidas a uma demonstração realizada pelo professor, sacrificando-se, assim, um mínimo de exemplares.

3. Uma estratégia

Considerando-se as limitadas circunstâncias em que uma prática de vivisseccão apresenta vantagens sob o ponto de vista didático, aliadas à necessidade de um desempenho cuidadoso e relativamente bom domínio da técnica de disseccção que tornam possível a obtenção de resultados satisfatórios nos experimentos, parece conveniente a busca de novas estratégias na abordagem dos fenômenos biológicos. Nesse sentido, recomenda-se submeter o estudo dos organismos vivos a um enfoque do ponto de vista da ecologia.

Nesse enfoque, a par da sua importância atual, tem ainda a vantagem de proporcionar uma visão mais globalizada do organismo vivo e suas interações com o meio-ambiente, possibilitando uma aprendizagem mais efetiva do que aquela feita através do estudo de fenômenos fisiológicos isolados.

Em suma, parece mais fácil e proveitoso, nesse nível de ensino, chegar à compreensão mais globalizada do organismo vivo através da observação e interpretação da sua ecologia, do que através de interferências de determinados aspectos de sua fisiologia que carecem de explicações mais abstratas.

4. Uma advertência

O ensino de Ciências Físicas e Biológicas, no 1º grau, seja quando estruturado e sistematizado como uma disciplina, seja quando ministrado dentro de um currículo por atividades, deve ter característica de universalidade, isto é, abranger uma grande amplitude do campo das Ciências através de estudo de pouca profundidade.

É, portanto, indispensável, que não se ultrapasse a real dimensão das considerações ora apresentadas, com a elaboração de programas de ensino hipertrofiados quanto aos temas de Ecologia. O que se recomenda é uma abordagem dos assuntos dentro de uma perspectiva própria à Ecologia sem se chegar ao extremo de querer transformar o ensino de Ciências Físicas e Biológicas num curso especial de Ecologia.

8 - O Dr. Antonio Alfredo Veiga da Silva, psicólogo, pós-graduado em Psicologia Clínica, diretor do Centro Psicopedagógico da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre) e titular das disciplinas de Psicologia Social e Elementos da Psicopatologia na FIEVALE (Novo Hamburgo) assim resumiu o seu ponto de vista:

"O importante para a criança é formar uma boa estrutura emocional que a marque indelévelmente para a vida.

"O ensino de 1º grau abrange uma faixa etária em que as vivências são muito importantes. Como nessa fase da pré-adolescência os alunos ainda não entendem bem o mundo, freqüentemente suas reações são mais afetivas do que racionais. Voltam-se, por esta razão, aos seres inferiores e projetam nos animais ferozes sua agressividade e identificam nos animais menores o ser afetivo, contra o qual - no caso da vivisseccão - então seria praticado um ato de violência.

"Certamente, dentro dos valores dessa faixa etária, a vivisseccão não é recebida como aprendizagem.

"Se estudantes de Cursos de Biologia chocam-se com a prática da vivisseccão - quanto mais o aluno a nível de 1º e 2º graus.

"A vivisseccão ainda é perigosa sob outro aspecto: o professor não sabe de que lares advém a criança e essa experiência pode ser fator desencadeante de problemática emocional.

"Repito: a preocupação do educador, no ensino de 1º grau, deve ser a consolidação de boa estrutura emocional". (o grifo é nosso)

Parecer Nº 299/76 - CEE

3

II - A IMPORTÂNCIA DA ECOLOGIA

Quanto ao enfoque ecológico, cuja necessidade foi encarada pela Senhora Diretora Geral do Departamento de Educação Fundamental do Ministério de Educação e Cultura em relação à técnica posta em discussão, podem ser destacados os seguintes fatos e feitas as seguintes considerações:

A - O próprio Departamento de Educação Fundamental do Ministério de Educação e Cultura acaba de elaborar (1976) um "MODELO DE ENSINO ENVOLVENDO CONSERVAÇÃO E RECUPERAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS (ECOLOGIA)" cujo extenso estudo é recomendado não apenas aos professores de Ciências, e sim a todo o Corpo Docente das escolas de 1º Grau.

B - O enfoque ecológico deve ser ampliado, de acordo com os princípios diretivos da educação sobre o meio ambiente, estabelecidos pelo Colóquio Internacional sobre Educação Relativa ao Meio Ambiente (Palgrado, outubro de 1975) e resumos em cinco itens (IEC em Revista - Nº 4, pag. 4):

1. Essa modalidade de educação deverá considerar o meio ambiente como um todo: o natural e o criado pelo homem; ecológico, político, econômico, tecnológico, social, legislativo, cultural e estético.

2. O processo educativo pertinente deverá ser contínuo, durante toda a vida, tanto escolar como extra-escolar.

3. Deverá adotar uma aproximação interdisciplinar.

4. Deverá enfatizar uma participação ativa na prevenção e na solução de problemas que são antecipados pelo meio ambiente.

5. As questões sobre o meio ambiente deverão ser examinadas sob uma perspectiva mundial, embora respeitando-se as diferenças regionais.

6. A educação deverá ser focalizada em situações atuais e futuras do meio ambiente.

7. Deverá examinar os problemas do desenvolvimento e do crescimento em função do meio ambiente.

8. Deverá insistir sobre o valor e a necessidade de cooperação local, nacional e internacional para a solução dos problemas ambientais.

C - Existem, no Estado, entidades, de âmbito estadual, regional ou local, que se preocupam pela preservação do meio ambiente, e com as quais as escolas deveriam entrar em contato visando à orientação e à colaboração na tarefa de estimular a formação de uma consciência ecológica entre professores e alunos.

III - OUTRAS CONSIDERAÇÕES

O homem do século XX, após a sufria provocada por um vertiginoso avanço científico e tecnológico, começa a perceber que as suas preocupações não podem ser resolvidas com argumentos que se baseiam exclusivamente em aspectos científicos ou econômicos. Cresce o reconhecimento da necessidade de procurar um fundamento em princípios éticos e/ou religiosos, sob pena de rebaixar e ser humano a uma cifra, avaliada em função de sua variável capacidade de produção e consumo.

Isto leva a incluir no presente parecer a citação de duas personalidades cujas vezes são ouvidas com respeito, seja qual for a orientação filosófica ou religiosa:

A - ALBERT SCHWEITZER (1875 - 1965) em sua obra "CULTURA E ÉTICA", no capítulo "A ética da reverência à vida", escreve:

"O ignorante que, diante de uma árvore em flor, sentir-se emocionado pelo mistério do desejo de viver que se reflete a seu redor, será mais sábio do que o cientista que estudar, sob o microscópio ou em processos físicos ou químicos, milhares de apresentações do desejo de viver, mas, apesar de perceber tanta coisa relativa ao decorrer das manifestações desse desejo, não se comover em face do mistério de que tudo quanto existe é desejo de viver . . .".

"A Ética consiste, pois, em eu sentir a obrigação de encarar todo e qualquer

UNIAO BRASILEIRA - Novo Horizonte, 30
II Encontro Comunitário pela Proteção do Meio Ambiente

Parecer nº 299/76 - GEC

4

desejo de viver com o mesmo respeito que tenho a meu próprio desejo de viver. Com isso obtenho o princípio rápido e infalível da moral. O bem é conservar e fomentar a vida; o mal: destruí-la e estorví-la."

3 - PAPLO VI, em sua mensagem enviada à Conferência Internacional das Nações Unidas sobre o Ambiente (Estocolmo, julho de 1972), afirma:

"Tudo que Deus criou é bom", escreveu o Apóstolo São Paulo, repetindo o texto de Gênesis que relata a complacência de Deus em cada uma de suas obras. Governar a natureza significa, para a raça humana, não destruí-la, mas aperfeiçoá-la: não transformar o mundo num caos inabitável, mas numa bonita casa, ordenada no respeito por todas as coisas.

IV - RECOMENDAÇÕES

Em conclusão, a Comissão de Ensino de 1º Grau propõe ao plenário a aprovação das seguintes recomendações, endereçadas às escolas de 1º grau do Sistema:

1. Que seja evitada a prática da vivisseção no ensino de Ciências;
2. Que seja aproveitado o "MODELO DE ENSINO ENVOLVENDO CONSERVAÇÃO e REEFEREAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS (ECOLOGIA)", proposto pelo Departamento de Educação Fundamental do Ministério de Educação e Cultura (1976);
3. Que seja estimulada a formação de uma consciência ecológica:
 - orientando-se pelos princípios diretivos da educação sobre o meio ambiente, estabelecidos pelo Colóquio Internacional sobre Educação Relativa ao Meio Ambiente (1975);
 - procurando entrar em cooperação com entidades que se preocupam com a preservação do ambiente natural.

Em 19 de agosto de 1976.

Kurt Günther Hugo Schmeling - relator
Gulomar Reis Loureiro
Ana Iris de Amorim
Ely Carlos Petry
Dr. Alcides Guareschi

Aprovado por unanimidade, pelo Plenário
em sessão de 3 de setembro de 1976.

Prof. Schweitzer

2º ENCONTRO COMUNITÁRIO PELA PROTEÇÃO DO MEIO AMBIENTE

promovido pela Fundação Evangélica
sob os auspícios da Ação Democrática Feminina Gaúcha

Data: 10 e 11 de setembro de 1976

Local: Fundação Evangélica

Rua Frederico Mentz, 526 - Novo Hamburgo

"A Ética consiste, pois, em eu sentir a obrigação de encarar todo e qualquer desejo de viver com o mesmo respeito que tenho a meu próprio desejo de viver.

Com isso obtemos o princípio básico e infalível da Moral.

O bem é: conservar e fomentar a vida;

O mal: destruí-la e estorvá-la."

Albert Schweitzer (1875-1965)

PROGRAMA:

Dia 10 - às 20 h: Abertura

Aspectos éticos da Ecologia
"Leis básicas da Ecologia" (José Lutzenberger, presidente da AGAPAN)

Dia 11 - às 9 h: "Conseqüências sócio-econômicas do desequilíbrio demográfico" (Giselda Castro, diretora do Grupo de Estudos ADFG)

Planejamento familiar
"~~O círculo vicioso da miséria~~" (Magdolna Hampe, professora de Bio-Química da UFRGS, presidente do Clube Soroptimista de Porto Alegre)

"O menor carenciado e o *edicação* planejamento familiar"
(Dr. José Thomaz Lomando, ex-coordenador da Assistência Médica do INPS, ex-secretário Municipal da Saúde, Cirurgião ginecologista)

- às 14 h: "Projeto Arbor" (Prof. João Carlos Schmitz, Secretário Municipal de Educação e Cultura, Novo Hamburgo)

"Campanha do LIXO LIMPO" (Yara Rodrigues, Clube de Mães
Vila Assunção)

"A ecologia na escola" (K.G.Schmeling, prof.da Fundação
Evangélica)

"O cultivo de essências nativas" (Eberhard Frank, dire-
tor do Colégio Estadual Marechal Ron-
don, Canoas)

"Falamos demais em poluição: vamos todos AGIR!"
(Gerd Schinke, secretário do Departa-
mento de Proteção ao Ambiente Natural
do Diretório Estadual de Estudantes)

- às 17 h: Apresentação de moções
Encerramento

Informações e inscrições:

- Fundação Evangélica - telefone 95-1952, caixa postal 2.123, Novo Ham-
burgo

Taxa de inscrição: Cr\$ 20,00

Professores e estudantes - Cr\$ 10,00
com direito a polígrafos

Certificados - serão fornecidos aos participantes inscritos com fre-
quência mínima de 2/3.

2º ENCONTRO MEIO AMBIENTE: TAREFAS

Programa		- Prof. Sarlet e Prof. Schmeling
Publicidade	- Imprensa	- Prof. Sarlet
	- Escolas	- Prof. Sarlet
	- Cartaz	- Prof. Geib (1ª s. II G.)
Impressos	- programas	- Prof. Sarlet - financiamento
	- fichas inscrição	- Prof. Schmeling (compilação, revisão provas)
	- certificados	
Polígrafos	- palestras	{ - Prof. Sarlet
	- DEF/MEC	
	- Parecer CEE	
Convites Autoridades		- Prof. Sarlet
Inscrições	- controle das listas	{ - Prof. Sarlet e portaria
	- recebimento taxa (10,00)	
Salão	- arrumação	- Prof. Sarlet
	- aparelhamento	- Prof. Schmeling
Morrinho (bosque escolar)		- Prof. Fiedler
Exposições		- Prof. Schmeling
Bar		- Dona Dalila
Fotógrafo e imprensa		- Prof. Sarlet
Recepção palestrantes e autoridades		- Prof. Sarlet, Schmeling e outros professores
Serviço de informações (recepção)		{ - Prof. Rutzen e 3ª s. II G.
Controle frequência		
Distribuição de polígrafos		
Coordenação das sessões	- 6ª N	{ - Prof. Schmeling
	- Sábado- M	
	- Sábado-T	
Secretaria	- noções e resoluções	{ - Secretaria (Prof. Mello)
	- preenchimento certificados frequência	
	- certificados para palestrantes	
	- entrega certificados frequência	



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
INSTITUTO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL
DELEGACIA ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL

Of. 1329/76/DE-RS

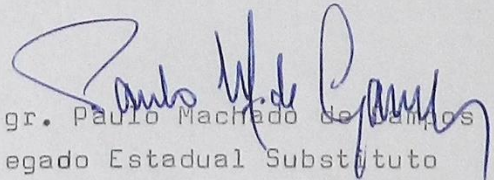
Porto Alegre, 10 de setembro de 1976

Ilmo. Sr.
Coordenador do IIº Encontro Comunitário
Pela Proteção do Meio Ambiente
NOVO HAMBURGO - RS

Senhor Coordenador,

Pelo presente, apresentamos a V. Sa, o funcionário Sr. e Srª MANOEL DA SILVA, Chefe do Núcleo de Vigilância e Proteção da Flora/Fauna desta Delegacia Estadual, que nos representarão na instalação do IIº Encontro Comunitário Pela Proteção do Meio Ambiente, promovido pela Fundação Evangélica e sob os auspícios da Ação Democrática Feminina Gaúcha.

Aproveitamos a oportunidade, para apresentar-lhe nossos protestos de estima e consideração.


Eng. Agr. Paulo Machado de Campos
Delegado Estadual Substituto

PMC/TAS...

AÇÃO DEMOCRÁTICA FEMININA GAÚCHA



Encontro comunitário pela Proteção do Meio-Ambiente. "Em que mundo viverão nossos filhos?"

local

Salão de Atos— PUC— Porto Alegre.

data

24 a 26 de outubro.

objetivos

Conscientizar a mulher e o homem brasileiros para suas responsabilidades perante as próximas gerações. Proporcionar uma troca de experiências a entidades e grupos que já desenvolvam trabalhos relacionados com os problemas ambientais. Contribuir para o esclarecimento da opinião pública— fator imprescindível ao desencadeamento de programas de proteção ao meio-ambiente, cujo êxito depende da ação conjunta de governos e coletividades.

temas

Leis básicas da Ecologia, a "Ciência da Sobrevivência".

Preservação dos Suportes de Vida.

Crescimento Demográfico do Século XX, causas e conseqüências. Realidade brasileira.

inscrições

e informações

Secretaria do 1º Encontro Comunitário:
Centro Evangélico, rua * Senhor dos Passos, 202, 1º andar. Tel.: 24-5011, 25-2506. Taxa de inscrição: Cr\$ 20,00. Os estudantes serão isentos de taxa mediante apresentação de identidade estudantil. As entidades ou grupos de trabalho interessados na apresentação de programas específicos deverão inscrever-se, enviando os trabalhos até 10 de outubro. Os trabalhos deverão ter no máximo 3 folhas ofício datilografadas. Cada apresentador disporá de 10 minutos para seu relato.

certificados

Serão fornecidos aos participantes inscritos com frequência mínima de 2/3.

alojamentos coletivos

Quartos para 6 a 20 pessoas. Pernoite com café da manhã: 15,00 (quinze cruzeiros) por pessoa. Inscrição até 14 de outubro, pagamento antecipado; especificação prévia do número de participantes masculinos ou femininos.

reservas de hotéis
Diretamente. Informações na secretaria do encontro.

programa

Dia 24— 20 horas— Abertura— Magda Renner— Presidente da ADFG— **Leis básicas da Ecologia**— José Lutzenberger— Presidente da AGAPAN— **Toxidês recôndita: um perigo pouco conhecido no meio-ambiente**— Flávio Lewgoy— Professor da UFRGS

dia 25— 8.30 horas: **A poluição das águas**— Eufrásio Freischlag— Prof. do Colégio Militar— IPV

Problemas referentes à persistência de pesticidas no meio-ambiente

Waldemar Ferreira de Almeida— Instituto Biológico de S. Paulo

Função biológica da árvore

Mozart Pereira Soares—

Catedrático da UFRGS

dia 25— 14.30: **8 depoimentos**

sobre Planejamento Familiar.

Giselda Castro, ADFG.

Cecília Bordini, C. Mães Vila

Assunção; Joaquina Stedile,

Associação das Senhoras

Metodistas.

Problemática Demográfica

Norberto Etges— UFRGS.

UNISINOS

Planejamento Familiar:

direito básico do casal—

Dercy Furtado— Deputada

Estadual

Aspectos médicos do pla-

nejamento familiar—

Tomaz José Lomando—

Coordenador da Assistência

Médica do INPS — RGSul

dia 26— 8.30: Apresentação de trabalhos Encerramento.

Das 15 às 17 horas o grupo organizador estará à disposição dos interessados na secretaria do encontro.

agradecimentos

— Pontifícia Universidade Católica, Zero Hora, Conferencistas.

AGAPAN— CELUPA, Centro

Evangélico de P. Alegre,

Conselho Geral de Clube de

Mães, DEE, Grupo Graf. IPV

Centro de Difusão Cultural,

Centro de Integração e

Atualização Cultural, Gra-

fosul, Gráfica Editora Fo-

togravura do Sul Ltda.



FUNDAÇÃO EVANGÉLICA — 90 anos a serviço da educação

"A Ética consiste, pois, em eu sentir a obrigação de encarar todo e qualquer desejo de viver com o mesmo respeito que tenho a meu próprio desejo de viver.

Com isso obtemos o princípio básico e infalível da Moral.

○ bem é: conservar e fomentar a vida;

○ mal: destruí-la e estorvá-la."

(Albert Schweitzer (1875 - 1965))

A luta pela qualidade da vida é um imperativo à sobrevivência da espécie.
Somos responsáveis pelo mundo que legaremos aos nossos filhos.

PARTICIPE DO 2.º ENCONTRO COMUNITÁRIO PELA PROTEÇÃO DO MEIO AMBIENTE

promovido pela Fundação Evangélica
dias 10 e 11 de setembro de 1976
sob os auspícios da Ação Democrática Feminina Gaúcha.

Colaboração de Reichert S. A. Calçados
Novo Hamburgo Cia. de Seguros Gerais
Oscar Kunz S. A. - Indústria e Comércio

28 - Convite para o 2º Encontro Comunitário Pela Proteção do Meio Ambiente